

## **NARRATIVAS E MEMÓRIAS SOBRE CLODIMAR PEDROSA LÔ (MARINGÁ-PR, 1980)**

Augusto Bueno Rosin (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Vanda Fortuna Serafim (Orientadora),  
e-mail: ra115185@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e  
Artes/Maringá, PR.

**Área: 70500002 – História**

**Subárea: 70505004 - História do Brasil**

**Palavras-chave:** Memória, morte, narrativa.

### **Resumo:**

A pesquisa focalizou nas narrativas e memórias sobre o caso de Clodimar Pedrosa Lô. A fonte elegida é a obra do jornalista Eliel Diniz (1983), *Lô*, que conta os acontecimentos que culminaram no assassinato de um jovem garoto, em 1967, na cidade de Maringá-PR. Objetivou-se estudar as formas que o autor atribuiu significados à tragicidade, direcionando os acontecimentos na narrativa. O recorte se restringiu à década de 1980, na respectiva cidade. Resultou-se como hipótese que tal produção, na historicidade influenciada pelas relações antropológicas da morte e os mortos, ao modo brasileiro por assim dizer, ilustrou exatamente uma forma ordinária de preservar os eventos passados, inventariando sobre eles. Do menino pobre e trabalhador, o autor pôde reordenar a trajetória, destacando aquilo que dá vitalidade as memórias do caso, a morte e devoção religiosa.

### **Introdução**

Este projeto se direciona para as narrativas e memórias inscritas sobre um garoto, Clodimar Pedrosa Lô, na literatura de Maringá-PR, durante a década de 1980. A escolha desse objeto de pesquisa foi fruto das leituras e discussões teóricas iniciadas em conjunto com a profa. Dra. Vanda Fortuna Serafim (DHI/UEM) sobre a temática da morte, dos mortos e do morrer, como também do estudo das representações históricas das religiões afro-brasileiras, também por meio da literatura. Entretanto, esta pesquisa também recebeu contribuições fundamentais do coorientador, Leonardo Henrique Luiz (PPH/DHI), especialmente no tocante as revisões técnicas e ortográficas da pesquisa.

Nesse sentido, ao observar a viabilidade de investigação destes temas, foi sugerido a possibilidade de aprofundar num complexo caso ocorrido na cidade de Maringá-PR, em 1967, onde um garoto de 15 anos de idade, de família cearense e pobre, Clodimar Pedrosa Lô, foi brutalmente torturado e assassinado por policiais, devido um suposto furto que teria cometido em seu local de trabalho, situado num hotel no centro da cidade. O caso, já na época do ocorrido, tomou uma grande

proporção na sociedade maringaense. Desde os jornais até os desdobramentos jurídicos, uma comoção surgiu em razão da violência praticada sobre o menino Lô. Após sua morte, Clodimar se tornou alvo de devoções da população e, até os dias atuais, figura como um dos principais túmulos visitados no Cemitério Municipal de Maringá, sobretudo no dia de Finados, sendo alegado de conceder inúmeras graças e milagres a fiéis religiosos. Da repercussão do caso e destas práticas religiosas operacionalizadas, algumas pessoas buscaram recontar a história do menino. (SILVA, 2017)

Ao longo das décadas subsequentes, um escritor, Eliel Diniz, nascido em Maringá e formado em Jornalismo, publicou, em 1983, uma obra jornalística-literária sobre o caso de Clodimar, sob o título de *Lô*. Nesta obra, conferindo documentações jurídicas e jornalísticas, Diniz traçou uma narrativa explicando partes do acontecido, desde os antecedentes da morte de Clodimar até os momentos posteriores, que geraram imenso alarde na opinião pública. É esta obra que o respectivo projeto de iniciação científica tornou sua fonte histórica privilegiada. Sendo assim, a pesquisa objetivou estudar as perspectivas de morte e pós-morte de Clodimar Pedrosa Lô, isto é, discutir sobre as formas que Eliel Diniz atribuiu significados à sua morte trágica, direcionando assim os acontecimentos em sua narrativa. E justamente pela análise desta fonte que o recorte do projeto será demarcado na década de 1980, em Maringá- PR, pois o momento de produção/publicação/recepção da obra é situado neste período.

## Materiais e Métodos

Sob o peso de determinadas referências teóricas, vinculadas à chamada História Cultural, vislumbrou-se uma questão na qual permite aprofundar o tratamento metodológico com a fonte histórica analisada e, acima de tudo, compreender a intensidade em que a manifestação da sua escrita, a própria *narrativa*, apresenta o “mundo como texto”. Nesse caso, pensa-se que – justamente pelos valores, representações e imaginários (inclusive, culturais e religiosos) de uma época, e que são ressignificados na feitura do texto; – seja possível interpretar uma certa “maneira de fazer” por parte do autor da obra. Isto é, reflete-se que Eliel Diniz (1983) tenha elaborado uma narrativa que, além de redimensionar as características que edificam a história do Clodimar Pedrosa Lô, a partir de sua realidade histórica, também cria sobre a mesma. Destacando virtudes e condutas morais, por exemplo, que constroem outros sentidos àquilo que narra.

A partir dessa questão, aliás, surge-se algumas indagações no tocante a circularidade que tal narrativa de Diniz (1983), vista sob o prisma dessa “maneira de fazer”, têm com à própria devoção a Clodimar. Pois já na introdução do livro, o jornalista apresenta o caso de Lô não pelos fatos da morte trágica ocorrida e seus desdobramentos jurídicos, mas sim pelo “fruto da credence popular” (DINIZ, 1983, p.13). O que se pode elucidar são as referências que ajudaram nesta problematização sobre a fonte histórica da pesquisa, como Michel de Certeau (2014). Para além, da realidade que a escrita toma como referência, o autor observa que tal “jogo escriturístico” propõe, na sua distinção com o real, uma eficácia social, ou seja, atuar sobre sua exterioridade com pretensão de muda-la.

Sendo assim, do entendimento da prática ordinária da escrita, objetivou apresentar uma problematização teórico-metodológica sobre a fonte histórica selecionada, buscando ampliar o repertório interpretativo sobre o caso de Clodimar Pedrosa Lô, especialmente na forma registrada por Eliel Diniz (1983). É sabido que o contexto sociocultural, os valores, crenças e sociabilidades, que foram vividas pelo autor, enredam a produção feita, aparecendo em suas frestas; mas igualmente pode-se considerar importante o fato de Diniz (1983) escrever sobre o caso, construindo-se ineditamente e atribuindo os valores históricos experienciados na ordem discursiva da narrativa.

## Resultados e Discussão

O que foi sugerido a partir desta pesquisa de iniciação científica não entrou no debate sobre se Clodimar Pedrosa Lô é mesmo um santo, não oficializado pela Igreja Católica, e muito menos buscou averiguar a veracidade dos possíveis milagres por vezes ele concedeu pós-morte, sob culto em sua lápide. A questão proposta se instaurou em outro lugar: voltada a compreender como os diferentes sujeitos históricos, individualizados ou não, refletem e ressignificam o caso de Clodimar sob as mais diferentes dimensões, sobretudo em seu campo ritual-religioso. Ou seja, a população, ao lidar com as imposições das ordens disciplinadoras de uma dada realidade histórica, como uma morte trágica, remonta por meio de suas memórias e narrativas um acontecimento do passado, transformando inclusive religiosamente.

Então, se é sobre a vida terrena e a concretude da realidade sociocultural que a população se permite sacralizar simbolicamente o espaço e os acontecimentos da vida, as formas de lidar com a morte e os mortos são também intrinsecamente interligados nesse processo. Assim, levou-se em conta as atitudes antropológicas diante da morte e identificar suas expressões na realidade histórica brasileira, percebendo suas intensidades ao analisar a fonte de pesquisa elegida. Em suma, uma hipótese para refletir sobre como a memória de Clodimar, nas múltiplas formas que foi registrada e ressignificada nas narrativas de sua morte violenta, vitalizou-se através do tempo.

Reconhece-se a profundidade que o “traumatismo da morte” reverbera nas tessituras cotidianas, pois acompanha compromissos diários e significa trajetórias passadas, inclusive potencializando-as. A morte, sobretudo violenta, daquele que é individualizado por toda uma esfera social possibilita perceber suas expressões antropológicas específicas, desde o horror à decomposição até os sentimentos evocados, que ambicionam a preservação dessa individualidade, por meio do duplo (MORIN, 1997). Como é possível ver nos versos a seguir, na fonte analisada:

Faleceu Clodimar,  
faleceu um garoto,  
um pobre garoto.  
Ele morreu,  
mas deixou sangue.  
Um sangue que marcou,

entristeceu, enlutou.  
Deixou feridas,  
que uma população sentia as dores. (DINIZ, 1983, p. 34)

## Conclusões

Como se relatou a morte, violenta e abrupta, do garoto Clodimar? Quais os sentidos o autor atribuiu ao desenrolar do caso? E que emoções, atos e regras morais significaram o acontecimento trágico e dele se justificaram, por meio da obra? Ousou-se alargar o tema para a própria relação com “outro mundo”, isto é, as múltiplas situações que os vivos (na experiência brasileira) lidam costumeiramente com seus mortos. Se entre santos e santas, difusamente convivem variadas formalidades do sagrado – dos canonizados no altar aos batucados no terreiro –, os milagreiros de cemitério entram na roda pra reafirmar a complexidade dos mitos e mortos no campo religioso do país.

E o livro de Eliel Diniz (1983), produzido na respectiva historicidade invadida pelas variadas relações antropológicas com a morte e os mortos, ao modo brasileiro por assim dizer, ilustra exatamente uma forma ordinária de preservar os acontecimentos passados, inventariando sobre eles. Do menino pobre e trabalhador, consciente e honesto, como foi registrado na fonte, o autor pôde reordenar o quadro dos acontecimentos. Esse seu movimento que poderia aparentar apenas uma modalidade de organização do texto, dessa forma, desemboca na realidade numa composição que deixa as marcas de seu produtor, fruto de seu universo sociocultural, e que também desempenha fundamental importância pra continuidade da memória sobre Clodimar.

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer profundamente a orientadora, Vanda Fortuna Serafim, que já se alcançam anos de muita confiança nos meus trabalhos realizados até aqui, bem como da amizade construída. Além disso, devo gratidão imensa aos conselhos de Leonardo Henrique Luiz, especialmente na produção dos relatórios. Como ao próprio Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, o qual viabilizou a perenidade da pesquisa por meio da concessão de bolsa.

## Referências

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. 1 vol. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

DINIZ, E. **Lô**. São Paulo, SP: Editora Dutra & Xavier Ltda., 1983.

MORIN, E. **O homem e a morte**. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

SILVA, M. F. P. **Sala dos suplícios**: dossiê do caso Clodimar Pedrosa Lô. 2 ed. Maringá: Clichetec, 2017.